

E360

Valor Empresas 360 | Para quem investe sabendo

Agora você pode saber tudo sobre as empresas em um único lugar. Antes de investir, acesse e consulte

Saiba mais →

# Malwee financia curso para ajudar catadoras a virarem costureiras

Trabalho que começou durante a pandemia com doação de alimentos foi ampliado para promover mudança permanente

Por Marina Falcão — Do Recife

30/03/2022 05h02 - Atualizado há 4 horas



Programa "Menos Resíduos, Mais Renda" tem foco na economia circular — Foto: Divulgação

A 51 km de Fortaleza, no município de Pacajus (CE), mulheres que passaram a vida trabalhando como catadoras em um lixão estão recebendo qualificação profissional para se tornarem costureiras. O curso, financiado pela fabricante de roupas catarinense Malwee, também prepara as alunas para serem empreendedoras no ramo de confecções.

Casada e com quatro filhos, Crislane Albuquerque de Oliveria, 29 anos, está há dois anos trabalhando como catadora de recicláveis no lixão de Pacajus, junto com marido, mãe, irmã e tia. Antes ela trabalhava em "casa de família". Sua renda média, hoje semanal, gira em torno de R\$ 150, chegando a R\$ 200 quando há muito material reaproveitável no lixão.

Desde novembro de 2021, quando iniciou as aulas de costura a convite do Instituto Malwee, Crislane passou a acreditar que pode melhorar de vida. "A primeira peça que eu fiz foi um shorts. Depois fiz um conjunto de blusa e bermuda e agora um vestido", conta. "É uma oportunidade muito boa, pois um curso de costura é caríssimo, acho que uns R\$ 400", afirma.

Todas as mulheres da família de Crislane estão participando do projeto. Além do curso, elas ganham cestas básicas, pois precisam se ausentar do trabalho todas as terças e quintas das 8h às 12h para comparecer às aulas. No curso, elas têm acesso a seis máquinas de costura e recebem retalhos de tecidos fornecidos pela Malwee.

A qualificação, realizada em parceria com o Centro Integrado de Estudos e Programas de Desenvolvimento Sustentável (Cieds), também orienta as alunas a montar um negócio próprio, prospectar mercados e vender on-line.

Diana Martins, presidente do Instituto Malwee, relata que a iniciativa faz parte de um projeto mais amplo chamado "Menos Resíduos, Mais Renda", que envolve um conjunto de iniciativas da empresa para promover a economia circular. Em Pacajus, onde a Malwee tem uma unidade fabril desde 2010, o trabalho começou durante a pandemia, com doação de alimentos. "De imediato, o foco foi amenizar o problema da fome, mas depois decidimos que o trabalho precisaria ser mais amplo para promover uma mudança permanente", diz. O principal objetivo, explica, é melhorar as condições da infância no local, ajudando imediatamente a empregabilidade de suas mães.

Por enquanto estão confirmadas duas turmas de 20 alunas cada esse ano em Pacajus, mas um terceiro grupo no local "é provável" e o projeto poderá ser expandido para outras regiões, diz Diana.

A Malwee também doa retalhos para comunidades produtoras de artesanato em Montes Claros (MG), Florianópolis (SC) e Maceió. Os beneficiados têm acesso a um conteúdo virtual do Ateliê do Instituto Malwee para saber o que fazer com os resíduos e como empreender, com tutoriais de comercialização de produtos e confecção. Desde setembro, a empresa já doou mais de uma tonelada de retalhos.

A empresa possui três fábricas, 4,2 mil funcionários e está presente em mais de 25 mil lojas em todo o Brasil. A Malwee, que pertence à família Weege, criou seu braço social em 2019. De lá para cá, o Instituto Malwee investiu mais de R\$ 1 milhão em projetos e campanhas, beneficiou 31 OSC e impactou mais de 25 mil crianças.